



Antonio Corrêa de Lacerda*

Estagnação das exportações brasileiras

Uma meta realista seria elevar as nossas vendas externas a US\$ 228 bilhões

O título desse artigo pode parecer estranho ao leitor. Mas é a pura constatação de uma análise fina dos dados mais recentes sobre o desempenho do comércio externo brasileiro. Embora em 2006 as exportações brasileiras tenham atingido US\$ 137 bilhões e o superávit comercial acumulado tenha alcançado US\$ 46 bilhões, esse resultado decorre muito mais de uma situação favorável de preços dos produtos exportados no mercado internacional, do que a um efetivo aumento da quantidade.

Apesar do bom momento de crescimento da demanda no mercado internacional as exportações brasileiras, de novembro para dezembro de 2006, cresceram apenas 3,1%, apenas a metade do crescimento esperado mundial. O ritmo de crescimento das nossas exportações está em queda livre desde o início da valorização do real. De um crescimento de 19,2% em 2004 e 9,3% em 2005, em 2006 foi equivalente a apenas um terço do ano anterior e tudo indica que o volume corrente em 2007 esteja muito próximo de zero. Na prática isso significa que estamos perdendo market share no mercado mundial. Nosso espaço está sendo ocupado pela China, Índia e outros países concorrentes mais agressivos.

O Brasil ainda detém apenas 1,2% das exportações mundiais. É uma participação aquém do potencial da economia que representa 2% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Somos a nona economia mundial, considerando o PIB por paridade de poder de compra, mas apenas o vigésimo terceiro maior exportador mundial. Portanto, uma meta realista seria atingir um número equivalente em vendas externas, o que na prática implicaria au-



mentar nosso volume de exportações de US\$ 137 bilhões anuais para US\$ 228 bilhões, considerando-se valores atuais.

O péfio desempenho exportador brasileiro só não é claramente percebido nos resultados da balança comercial, porque os preços em dólares dos produtos exportados têm crescido no mercado internacional. Somente nos últimos três anos, os preços de exportações de produtos brasileiros cresceram 10,7% em 2004, 12,2% em 2005 e 12,5% em 2006. O aumento acumulado nesses três anos chega a 40%. Isso faz com que o volume exportado em dólares cresça, sem que haja, como é a situação atual, um crescimento da quantidade exportada.

Outro ponto de preocupação é a crescente dependência brasileira de exportação de commo-

ties. No período compreendido entre 2000 e 2006 a parcela dos produtos primários na pauta de exportação brasileira cresceu de 22,8% para 29,3%, em detrimento da queda da participação dos produtos industrializados, aqueles que geram mais valor agregado, renda e emprego, que foi diminuída de 59% para 54,3% no mesmo período, segundo dados da Funcex.

Um país como o Brasil pode manter-se como grande fornecedor de matérias-primas, mas também deveria aproveitar a base diversificada instalada da sua indústria para avançar em nichos dinâmicos dos mercados internacionais. No que se refere aos produtos primários o desafio é fazê-lo de uma forma econômica, social e ambientalmente sustentáveis. Agregar valor para diferenciar e valorizar o produto.

Nos industrializados é preciso aproveitar o know-how existente e adquirir novas competências, abrindo espaços para o desenvolvimento das novas gerações de profissionais nessas áreas. É o caso da biotecnologia e da nanotecnologia, química fina, mecatrônica, entre tantas áreas novas e desafiadoras, as quais o Brasil pode e deve competir internacionalmente.

Isso carece de uma estratégia de desenvolvimento de longo prazo. Além das condições favoráveis na economia, é preciso avançar na inovação, aproveitando a sinergia governo-iniciativa privada-universidades. As negociações internacionais também exercem papel de relevância. Bem conduzidas elas podem abrir acesso a mercados externos para as exportações brasileiras.

A grande contradição é que dada a escolha da política cambial brasileira, quanto mais superávit comercial maior é a tendência de apreciação da moeda. A esse fator se soma o ingresso de capitais externos. Os fluxos de investimentos diretos estrangeiros e em portfólio, as aplicações em títulos públicos e as captações de empresas brasileiras no exterior tem sido crescentes. Toda essa maior oferta de dólares, bastante superior à demanda reduz o seu preço, pelos mecanismos de mercado.

O desafio é manter o câmbio flutuante, porém criar mecanismos para evitar a valorização excessiva do real. Os seus efeitos deletérios já são claramente perceptíveis para quem quiser ver e eles não se restringem às exportações.

* Professor-doutor do Departamento de Economia da PUC-SP. Próximo artigo do autor em 15 de fevereiro